

AO N.º 1222 DO

PATRIOTA

As pessoas que não satisfizerem de prompto as assignaturas, em que estão em dívida, bem como as que vão correndo; deixarão de receber o Supplemento. Este annuncio não é Burlesco.

Suas Magestades e Altezas passam sem novidade em sua importante saude.

Os redactores do Supplemento, seus compositores, e distribuidores, nem se atrevem hoje a fallar no estado da sua importantissima saude.

Está demittido o Sr. Sarmiento; substitue-o o Lapa! O estambo sendo puro, sem mistura, prova bem em Portugal. Este requisito não se dava no sr. Sarmiento: era preciso encontrar um homem — appareceu o Lapa!!!

Boletim sanitario.



A madrugada do dia 7 do corrente levantou-se o padre Adulterio, calçou umas meias d'algodão, pediu umas cuecas de pela manhã, envergou uma opa de pelle de chibo, e escreveu o seguinte: «negaros ás massas a rudes e indigestas «(o povo) não só a «capacidade de dis- «cernir o bom do «mão, mas até o pro- «prio pensamento do «bem.»

O santo varão estava doudo varrido! Parece que o que lhe dera volta ao miollo fóra um prato de *talharin* à napolitana, *massa muito indigesta*.

Os olhos estavam esboghados, e pela temperatura do olho de goraz morto, os cabellos arripiados, a cara feia como sempre, e de vez em quando obviam-se os monosyllabos: Gymnasio... Diario... amor... artigo de fundo... materialidade etc.»

Todos os socorros da arte foram inuteis; sangria, purga, quina, causticos na corôa, ventosas; o padre tem cabeça rija e não ha metter-lhe dente.

Está irremediavelmente perdida a litteratura ecclesiastica: o ornamento do *invicto*, o *bijou* do partido da ordem, para ali jaz, tendo por futuro o hospital de S. José!!!

P. S. Chega neste momento o nosso gallego, e confirma-nos as noticias acima transcriptas.

A loucura progride espantosamente, e as exigencias do padre são fazer artigos de fundo.

Louvamos S. ex.^a o sr. ministro do reino, que teve a condescendencia de conservar na redacção do *Diario* uma pessoa atacada sim de alienação mental, porém ao mesmo tempo desgraçada que perdeu o que nunca teve — juizo — e que por isso merece as honras da invenção, e é benemerita da patria em summo grão.

LISBOA O QUE FOI E O QUE É.



Foi Deus servido levar da vida presente a muito nobre, e leal cidade de Lisboa. Já não existe! morreu de sersaboria!

Pater noster pela sua alma.

Essa Lisboa, que nós conhecemos, que andou com o cosco ao collo, e na eschola, já lá vai, assassinou-a Costa Cabral!

A terra lhe seja leve.

Houve uma Lisboa, folgazã, risonha, mesmo patosca, já ninguém a vê, jaz na paz do túmulo!

Nós ainda conhecemos Lisboa, é os seus janotas; esses sim, esses é que eram janotas. Roubavam mulheres, e traziam as algibeiras atulhadas de peças!

E hoje? Hoje!... podem os pais de familia dormir o sono do justo, ninguém lhes rouba as filhas! Já não ha janotas, Lisboa moralizou-se, e os elegantes se trazem alguma cousa nas algibeiras, não passa de cotão. Lisboa do hosso tempo ainda não tinha o banco, e as unicas companhias que haviam eram as de S. Carlos, Rua dos Condes e de D. José Serrati!

No nosso tempo o theatro de S. Carlos era uma fabrica de tejobô, os namoros desciam das torrinhas ás frisas, e a sahida do picadeiro entregavam-se mais cartas do que agora se distribuem no correio geral! Hoje nem uma! graças á decadencia das letras!

Para obter um olhar da dançarina, ou da *prima dona*, mesmo sem ser absoluta, gastavam-se rios de dinheiro (atinda tínhamos o Brasil); hoje os risos d'estas bellas põgam-se com palmas; especie de notas economicas admissiveis na compra dos favores d'estas deusas.

Pelas duas horas da noite, a cada esquina via-se um vulto encapotado, fallando á bella que o esperava na janella, em quanto a *mamam* dormia. Não havia semana em que não morressem pelo menos dez janotas de pleurises, ou polinoeira! Era romantico! Pelo tempo que corre todos morrem velhos! Ninguém namora fóra de horas ao *clair de la lune*. — O Traste-inundo veria em cada encapotado um conspirador, um inimigo da carta e da independencia nacional.

Cada agoadeiro era um Mercurio; hoje o agoadeiro voltou á classe de Gallego.

Mulheres!... onde estão ellas? quem as viu? onde se metteram! todas velhas, todas com cem annos, e prometendo durar ainda outros cem!!!

N'essa bella idade de ouro, até existiam boqueiros classicos, verdadeiras notabilidades do pau de descanzo.

Nós conhecemos o Pingalho, o Maneta, o Manoel da Velha; isso é que era bater! agora ali estão os Invictos, os Traste-inundos, os

Lapas, porém que differença! vamos de cartinho, porém como? aos tombos, aos bolões!

La-se de batida a Cintra... gorgeta uma peça de 73500; chegava o janota ao Victor; cartas para a meza, ganisio, rondas, até pela manhã = perdas = contos e contos de réis em dinheiro verdadeiro!!! Santo tempo era esse! foise! nunca mais te veremos.

O Chiado!... oh! o Chiado! esse temo-lo, existe, lá está no mesmo sitio! porém como? de cabelleira, de chinô, velho e reumathico! Sim, é necessario não nos iludirmos, é necessario ter coragem para proclamar que o Chiado soffre de reumathismo, que a sua hora soon, está com os pés para a cova, nós já o não visitamos, cheira a defunto; assassinou-o Costa Cabral, passou por elle!!!... foi peste!

« Chiado, tu não comerás os nossos ossos. » O passeio publico? Sim, o passeio publico? Pois vós leitores, deveras perguntais pelo passeio publico?

Deveras, sim!!!!...

O antigo passeio, o passeio de nossos pais não tinha serás a venderem gorazes, não tinha o Tejo e Douro em faldas de camisa, não tinha no fundo um tanque com dois ganços a namorarem-se, pensamento aquatico e libidinoso; era em fim um passeio sem pertenções, sem ganços; e quando a gente chegava á porta, dizia: «pode entrar, esta casa está ás suas ordens.»

O passeio de hoje está tolo, tem pertenções; não vai lá ninguém, nem mesmo os deputados, encheram-no de pedras e cortaram-lhe as arvores! Tornaram-o uma barricada.

Lisboa morreu!... nós vamos emigrar, vamos para o Rio de Janeiro ter com o Castilho, vamos para alli desmamarmos amas de leite, antes isso do que morreremos de fastio.

Desde que nós entendemos que somos obrigados a ir todos os dias ao Chiado!!

Este paiz está amaldiçoado! Ninguém morre!... sempre as mesmas caras!! reusitam!.....

O Coruscante, o Invicto, o Bayardo, o Primavera; D. Manoel de Portugal, morreram ha talvez mil annos!!... Assistimo-lhe aos enterros!! morremos depois, tornamos a voltar... Já cá os achamos no Chiado!.....

Lisboa! tu já não existes, esmagaram-te com mão de ferro; porém os teus habitantes são immortaes!.....

QUE É O EMPREGADO PUBLICO?

Servir c'est maigrir!

Axioma do Falcão quando aprendeu francez.

QUE É O empregado publico? É um espeto. Com esta definição parecia-nos resumir toda a existencia d'esse ente enigmatico, que por ahí passeia, fuma e namora, d'esse ente meio homem — meio mola, que o destino arremecou para as repartições publicas. No entanto a materia é mais filosofica do que parece; precisamos profundá-la.

O empregado publico é um funil; é uma bexiga cheia de vento, é uma cana seca, é, em fim, o mysterio dos mysterios vestido, calçado e esfomeado. Vive do ar como o camaleão, esforça-se em fazer cousa nenhuma, porque segue o adagio á risca — *d'onde o cura canta d'ahi janta*, e tem resolvido em nove mezes o grande problema de não recebendo nem cinco réis, gosar



deste bello clima e de todas as distrações da capital. Os ministros não lhe pagam, mas mandam-o á revista todos os mezes, e as agiotas não lhe rebatam, visto que de nada nada se faz; e se tem a desgraça d'algum se lembrar da sua sorte, ergue-se a voz Proença, como a trombeta do juizo final, e essa voz diz palavras rombas. «Se lhe não serve assim, que vá para casa!» Em casa estão muitos por não ter solas nas botas; porém essa não é a questão.

Pois o empregado ha-de deixar de servir, sendo uma creatura philarmonica dos bicos dos pés até á cabeça, e podendo realizar com verdade a canção — *quel plaisir que d'être soldat?* Pois o empregado, transparente como *bobinet*, diaphano como teia d'arênhã, todo seda froixa, que tem a barriga como uma taboa rasa, não hade estar contente? Pois o empregado a quem devem nove mezes e um par de *quinzenas* tem de que se queixar? Pois o empregado que janta, almoça e ceia por methaphora, ousaria revoltar-se contra a independencia nacional! Elle, um heroe!!!

Um homem depois de vaccinado, matriculado, acatitado, e atoleimado, que melhor futuro lhe resta do que ser empregado publico na sua terra?

En avant marchons
Contre leur coupons!

E' o grito de guerra que de toda a parte resoa; queremos mais papel, o conde de Tojal e muito hymno!

Hoje o pelor dos estados é o estado! Escreveu Balzac e escreveu muito bem, visto que servir o estado já não é como antigamente servir o principe que sabia punir e recompensar! O estado é toda a gente, e toda a gente não faz caso de ninguém. Servir toda a gente é pois não servir ninguém. Não ha folego vivo que se importe com pessoa alguma: o empregado publico vive entre duas negativas. Ora um homem com duas negativas pôde passar! Se lhe juntam duas affirmativas e uma nota de quartinho é o *supra-summum* da felicidade humana!

O mundo é desapiadado, não tem coração, não conhece amigos; todos são egoistas, amanhã esquecem-se os servicos de hontem. Que futuro tão formoso, meu empregado publico!

Pais de familia, vede-vos neste espelho, se tendes um fructo permittido pelas leis do reino e abençoado pelo parochio da freguezia — fazei-o empregado publico de Portugal!



SR. José da Silva Carvalho disse na sessão de 8 de corrente, que não faz caso da imprensa, até a despreza profundamente! Houve equívoco, a imprensa é que ha muito despreza profundamente a S. ex.^a pela sua insignificancia!

O arcebispo de Paris morreu no fogo das barricadas. Entre nós não haja medo que os eclesiasticos morram senão na cama.

Descobriu um chimico de Paris que o melhor ingrediente para descollar ministerios é o oleo de barricada.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

LISBOA

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

Rua do Poço dos Negros n.º 54.



CAMINHA! CAMINHA!